



GRAUS DE EQUIVALÊNCIA ENTRE SUBSTANTIVOS DO PORTUGUÊS E
DO FRANCÊS
(EQUIVALENCE DEGREES BETWEEN SUBSTANTIVES OF PORTUGUESE
AND FRENCH)

Maria Cristina Parreira da SILVA (PG - UNESP)

ABSTRACT: This work describes some equivalence degrees between Portuguese and French nouns. This is very important for the production of bilingual dictionaries. Two languages, having or not the same origin, present differences between their lexicological units. This fact disturbs the learning of foreign languages.

KEYWORDS: bilingual lexicography; noun; equivalence degrees; Portuguese; French.

0. Introdução

O objetivo deste artigo é demonstrar como duas línguas, mesmo sendo semelhantes por serem de mesma origem, como é o caso do português e do francês, apresentam divergências quanto à equivalência entre as unidades de seu léxico. Devido a esse fato, a aprendizagem do vocabulário de uma Língua Estrangeira (LE) não se dá sem bastante dificuldade. Analisaremos substantivos da língua francesa, freqüentemente utilizados em manuais didáticos para o ensino do francês para iniciantes. Escolhemos a classe nominal por representar um conjunto do léxico pleno de sentido, portanto bastante complexo na descrição contrastiva. O estudo da equivalência entre itens lexicais de línguas estrangeiras deve ser minucioso para contribuir com a elaboração de obras bilíngües de qualidade. A finalidade deve ser proporcionar que o aprendiz encontre no dicionário bilíngüe uma resposta satisfatória ao consultá-lo.

1. Fundamentação teórica

É importante realizar uma boa descrição do léxico e fazer estudos contrastivos como base para uma melhor elaboração de obras lexicográficas bilíngües, sobretudo trabalhos que relacionem as línguas latinas entre si, já que esse campo de estudo tem sido ainda pouco explorado. No caso do francês e do português, pode-se pensar que são línguas muito semelhantes e que não apresentariam grande dificuldade na aquisição. De fato, a semelhança influencia bastante no sucesso do aprendizado, o que não implica em ausência de confusões. Podemos constatar que há muitos termos que apesar de serem aparentemente semelhantes, não são equivalentes biunívocos.

Devemos tomar cuidado com a aparência das palavras relativamente fáceis. Muitas delas podem esconder armadilhas. Szende (1996) afirma que as fronteiras dos sentidos nem sempre coincidem. Hjelmslev (1969) também afirma que é comum



acontecer que um mesmo elemento de expressão de uma língua corresponda a dois ou vários elementos de expressão de uma língua estrangeira. As pessoas que estão aprendendo ou trabalhando com uma LE devem estar alertas quanto aos problemas de tradução, buscando o sentido mais conveniente e evitando o uso inadequado da palavra.

As obras lexicográficas, por tratarem da língua, um objeto bastante complexo, e também por constituírem, normalmente, obras de grande extensão, são susceptíveis de vários tipos de falhas. Essas falhas evidenciam-se tanto na macroestrutura quanto na microestrutura. Ambas constituem a forma dupla de apresentação do texto lexicográfico. A primeira, também chamada de nomenclatura, é uma seqüência vertical de elementos, chamados de entradas, dispostos geralmente em ordem alfabética. A segunda é uma seqüência horizontal que forma os verbetes, que contêm informações variadas sobre cada entrada. Na macroestrutura é muito mais fácil de perceber uma falha (a ausência de termos) do que na microestrutura. Esta pode apresentar falhas sobretudo quanto à ausência de acepções, à organização da disposição das acepções e à inclusão de traduções incorretas.

Já foi comprovado na literatura especializada que os alunos preferem usar os dicionários bilíngües. O dicionário bilíngüe (DB) trata da correspondência das palavras entre duas línguas, indicando a tradução do termo de uma língua em outra língua considerada. Nessa obra, a informação da palavra-entrada é expressa através de uma equivalência de itens lexicais (um na língua materna (LM) e outro na LE) e não através de uma definição, salvo os casos em que não existe equivalência entre essas palavras.

Os DBs raramente são adaptados às necessidades dos usuários porque, ao tratarem de dois códigos lingüísticos diferentes, nem sempre resolvem as dificuldades da tradução. Xatara (1998:180) discute a questão, afirmando ser necessário verificar se os DBs *realmente fornecem equivalentes que, além de corresponderem ao sentido dos termos a serem traduzidos, convenham também ao texto que o tradutor está redigindo.*

Convém ressaltar que os fatores que tornam as palavras fáceis ou difíceis de aprender dependem da interação entre os itens lexicais e os aprendizes, são fatores subjetivos, não são propriedades fixas das palavras analisadas. Segundo Bogaards (1994), a forma de uma palavra da LM evoca inevitavelmente seu conceito. Esse não é o caso das formas das palavras da LE, que são ligadas preferencialmente às formas da LM, principalmente para um indivíduo que está no início da aprendizagem. Nessa fase, não é raro ocorrer certas confusões, justamente em consequência da comparação constante com o vocabulário da LM.

Na norma ISO 1087 (1990:item 5.4.6), encontramos a seguinte definição de equivalência: *é a relação entre designações de línguas diferentes que representam as mesmas noções* (tradução nossa). Bogaards (1994) fala em grau de equivalência das palavras correspondentes: há palavras mais próximas e outras que se distanciam mais. Halliday (1974), por sua vez, declara que, mesmo entre línguas tomadas como "semelhantes", não se deve admitir a identidade completa, mas sim graus de equivalência, pois as fronteiras lingüísticas dos termos possuem limites diferentes em cada língua. Para Szende (1996), os problemas de equivalência colocam-se em dois planos: a) o plano da realidade – o elemento real (do mundo extralingüístico) existe ou não na cultura dos locutores?; b) o plano da língua – a palavra que designa a realidade existe ou não na língua dos locutores? Além disso, quando a realidade e o signo existem



nas duas línguas, questionamos se eles têm o mesmo valor no universo cultural dos locutores das duas comunidades. Ex.: ‘Vaca’ (na cultura ocidental e na cultura indiana).

Ao tratar de equivalência entre línguas, deve-se ter em mente a diversidade cultural, que é um dos elementos responsáveis pela diversidade lingüística. Biderman (1998:98) dá vários exemplos da não-equivalência entre as unidades de duas ou mais línguas e afirma que esse fato *é o mais eloqüente exemplo de como cada língua recorta o universo cognoscível à sua maneira, na criação de seu repertório lexical*. Constatamos em seu artigo que a palavra *chômage* não significa simplesmente “desemprego”.

Segundo Py (1997-1), quando se trata da questão do aprendizado de uma língua, a “palavra” está sempre no centro das atenções. Há a preocupação em estabelecer a quantidade de itens lexicais que devem ser aprendidos em um período determinado, é uma maneira de “medir” o conhecimento do aprendiz.

O substantivo, segundo a definição de Cunha (1992:187) *é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral*. Trata-se de palavras de conteúdo da língua, dinâmicas e em número ilimitado, diferentemente das palavras funcionais e gramaticais.

2. Metodologia e análise

Verificando os textos de manuais didáticos da língua francesa, percebemos que há alguns itens que causam maior dificuldade no aprendizado, sobretudo porque sua equivalência com o português não é direta. As dificuldades vão dos tipos mais simples aos mais complexos. Encontramos termos que em uma das línguas recobre mais sentidos do que em outra, ou seja, há especificações que são apagadas em uma das línguas que são relevantes em outra. Todas essas divergências estão fundadas na diferença cultural entre as duas comunidades lingüísticas.

Procedemos assim: tomamos um termo da língua francesa ou portuguesa que achamos complexo e fizemos uma comparação com seu(s) equivalente(s) (*jour* = ‘dia’ // ‘dia’ = *jour; journée*). Utilizamos um dicionário bilíngüe, o *Dicionário brasileiro* (1998) e um dicionário monolíngüe, o *Nouveau petit Robert* (1994).

Classificamos os itens em duas categorias maiores: 1) correspondência simples e 2) correspondência complexa. A primeira categoria subdividimos em três: a) um item com um equivalente; b) um item em português com duas ou mais especificações em francês; c) um item em francês com duas ou mais especificações em português. A segunda categoria subdividimos em dois tipos: a) itens com vários sentidos em português que correspondem a vários itens em francês; b) itens com vários sentidos em francês que correspondem a vários itens em português.

É sabido que não há uma correspondência biunívoca entre os termos de duas línguas diferentes. Quando há certa equivalência, esta ocorre em graus diversos. Procederemos, então, à classificação de alguns itens.

1. Correspondência simples:

a) um item com um equivalente (pelo menos no registro padrão):

O exemplo de equivalência mais simples é aquele em que a palavra é monossêmica nas duas línguas. Pode até haver conotações diferentes nas línguas



comparadas, mas no uso geral são palavras equivalentes. Não nos deteremos nesse tipo de equivalência, limitar-nos-emos aqui aos exemplos: *téléphone* = ‘telefone’; *bateau* = ‘barco’; *maison* = ‘casa’; *briquet* = ‘isqueiro’.

b) Um item em português com duas ou mais especificações em francês:

Nesse caso, a equivalência é um pouco mais complexa, porque há uma distinção na LE que não existe na LM. Há o risco de se cometerem enganos ao produzir um discurso na LE.

A palavra ‘ano’ pode ser entendida como: *an* – “duração convencional próxima daquela da revolução da terra em torno do sol” ou “período de doze meses” ou ainda *année* – “período de doze meses contados a partir do dia 1º de janeiro até o dia 31 de dezembro”, “período de atividade, mesmo que inferior a doze meses”.

O item ‘dia’ pode ser traduzido por *jour*, no sentido de período de 24 horas ou parte clara desse período; mas ao designar o ‘dia’ como espaço de tempo entre o nascer e o pôr do sol, há o item *ournée*, que indica também um período de atividades. Quanto aos termos que se referem à ‘noite’: *nuît* (ausência de luz, espaço de tempo entre o pôr e o nascer do sol), *soir* (fim do dia, período entre o fim da tarde e meia-noite), *soirée* (período noturno em que uma atividade é exercida, reunião nesse período).

Quanto a lugares, a própria palavra ‘lugar’ recebe designações diversas no francês: *lieu* (sentido geral e abstrato), *endroit* (parte determinada de um espaço) e *place* (lugar que uma pessoa ou coisa pode ocupar). A ‘cidade’ pode ser entendida como *ville* (termo geral) e *cité* (parte antiga de uma cidade, com aspecto específico). ‘Rio’ pode ser traduzido como *rivière*, quando deságua em outros rios ou *fleuve*, quando deságua no mar. Quanto a ‘ônibus’, deve-se atentar para o fato de que há dois tipos deles, o *autobus* (*bus*), que circula dentro da cidade e o *autocar* (*car*), que faz transporte interurbano.

Há itens como a perífrase ‘fazer compras’ que têm vários correspondentes na LE, mas que são apenas sinônimos: *faire des achats*, *faire des courses* e *faire des emplettes* (menos corrente). Enquanto há outras perífrases, como no caso de ‘tomar banho’, que podem ser traduzidas seja por outra perífrase na LE, seja por um item simples: *prendre une douche* (banho de chuveiro) e *se baigner* (banho de imersão).

Quanto aos alimentos também há discrepância. A palavra ‘sopa’ tem um correspondente lexical para tipos diferentes deste prato na língua francesa: *soupe*; *potage* (caldo); *bisque* (de frutos do mar); *bouillabaisse* (de peixe); enquanto no português deve-se usar um item composto – *sopa de frutos do mar*. Há também uma divergência quanto ao item ‘porco’, que apresenta um equivalente para o animal vivo (*cochon*) e outro para sua carne (*porc*). O mesmo não se verifica quanto a outras carnes: *poisson*, *boeuf*, *poulet*.

Podemos citar também os casos: ‘escada’ = *echelle* (escada móvel) e *escalier* (escada fixa); ‘meia’ = *chaussette* (meia masculina) e *bas* (meia feminina); ‘empréstimo’ = *emprunt* (recebido) e *prêt* (concedido).

c) Um item em francês com duas ou mais especificações em português:

Nesse caso, há uma distinção na LM que não existe na LE. Surgirão dificuldades na recepção, ao traduzir um discurso da LE. Citaremos alguns casos.

A palavra *banque* pode ser traduzida em português, em apenas certas acepções, como ‘banco’ (financeiro) e ‘banca’ (de jogo). *Bureau* pode ser traduzido por ‘escritório’ e ‘escrivaninha’. Embora ‘escritório’ em português tenha as mesmas acepções que *bureau* em francês, na acepção de ‘escrivaninha’ não é muito usual,



sobretudo entre os jovens. ‘Copo’ e ‘vidro’ em francês resumem-se em apenas um item: *verre*. *Place* pode designar tanto uma ‘praça’ quanto um ‘lugar’ a ser ocupado. É curioso, mas *pâté*, além da pasta de sabor marcante (‘patê’), também pode designar um ‘bloco’, como no caso de *pâté de maisons*. ‘Roubo’ e ‘vão’, aparentemente tão distantes, resultam em um item homônimo em francês: *vol*. O item *bâtiment* pode ter as especificações em português de ‘construção’, ‘edifício’ e ‘prédio’.

2. Correspondência complexa:

Esses itens tomam mais tempo para serem apreendidos. Há que se considerar qual o sentido na LM ou LE para saber o correspondente adequado. São complexos tanto para a produção quanto para a decodificação, dependem sempre do contexto.

a) Itens com vários sentidos em português correspondem a vários itens em francês:

A palavra ‘campo’ é bastante abrangente em português. Pode significar principalmente: a) qualquer terreno aberto com vegetação ou não; b) local afastado da cidade (em oposição à cidade); c) local para prática de esportes; d) domínio, área; e) local ao redor de um corpo elétrico; f) campo militar (acampamento); etc. As acepções correspondentes em francês, de um modo sucinto seriam respectivamente: a) *champ*, *plaine*, *pré*; b) *campagne*; c) *terrain* (de football, de tennis); d) *domaine*; e) *champ* (électrique, magnétique); f) *camp*.

‘Estação’ tem como correspondentes *station*, no sentido de local de parada; *gare*, como local de embarque e desembarque de trem; *emetteur* (centro transmissor de rádio); *saison* (cada um dos quatro períodos do ano).

‘Número’ em português designa a ‘classe dos numerais’, uma ‘quantidade’, um ‘algarismo’, uma ‘parte de uma quantidade’, uma ‘medida’, cada uma das ‘cenas de um espetáculo’. *Numéro* em francês não recobre os sentidos de ‘numeral’ (*nombre*) e de ‘indicação de tamanho’ *taille* (roupas) e *pointure* (sapatos).

b) Itens com vários sentidos em francês correspondem a vários itens em português:

O item francês *tour*, no gênero feminino corresponde a ‘torre’, mas no gênero masculino apresenta vários equivalentes: ‘giro’, ‘volta’, ‘passeio’, ‘contorno’, ‘limite’, ‘vez’, ‘turno’, ‘torno’. Já o item *pièce* traduzido geralmente por ‘peça’, tem também os sentidos de ‘cômodo’ (de uma casa), ‘retalho’ (parte de algo), entre outras especificações. *Taille* também é um item polissêmico: ‘talho’, ‘corte’, ‘talhe’, ‘tamanho’; ‘altura’, ‘estatura’, ‘dimensão’, ‘poda’.

3. Conclusões

Selecionamos uma amostra de uma parcela do vocabulário da língua francesa para demonstrar que a equivalência entre termos de línguas estrangeiras é bastante complexa e que isso acarreta grandes dificuldades na elaboração de uma obra lexicográfica bilíngüe.

Se por um lado afirmamos que as línguas não são totalmente equivalentes entre si, por outro lado, temos certeza de que as línguas são traduzíveis entre si. Se desconsiderarmos a equivalência entre as línguas, não teria sentido buscar uma melhor equação para a fabricação de obras lexicográficas bilíngües que colocassem em confronto cada item de modo adequado.



Através dos exemplos que demonstramos acima, verificamos que as dificuldades serão maiores na produção na língua estrangeira. Como um aprendiz saberá que quando quiser dizer 'um dia de trabalho' em português deverá dizer em francês '*une journée de travail*' ou '*un jour de travail*'? Esse exemplo é simples, mas há casos com grau maior de dificuldade. É claro que esses problemas podem ser resolvidos a longo prazo, na medida em que o aprendiz da língua estrangeira aprofunde seus conhecimentos. No entanto, discutimos o fato de que as soluções devem estar bem descritas nas obras bilíngües e ao alcance dos usuários iniciantes.

RESUMO: Fazer uma descrição dos graus de equivalência entre substantivos do português e do francês é muito importante para a elaboração de bons dicionários bilíngües. Mesmo sendo de mesma origem, duas línguas apresentam divergências entre as unidades de seu léxico e esse fato dificulta a aprendizagem de línguas estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVE: lexicografia bilíngüe; substantivos; graus de equivalência; Português; Francês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e língua portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BOGAARDS, P. *Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères*. Paris : Didier- Hatier, 1994. Col. LAL - Langues et apprentissage des langues.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 12 ed., 3 tir. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A; STREVEN, P. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Tradução de Myriam Freire Morau. Petrópolis : Vozes, 1974.
- HJELMSLEV, L. *Le langage*. Tradução de Michel Olsen. Paris : Les Éditions de Minuit, 1969. Col. Arguments, n. 28.
- ISO 1087 : 1990 (E/F) Terminologie – Vocabulaire. (Norma Internacional bilíngüe inglês- francês).
- Le nouveau petit Robert*. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française Paris, Le Robert, 1994.
- PY, B. Quelques remarques sur l'apprentissage du lexique d'une langue étrangère. *Cahiers de lexicologie*. Paris: Didier Erudition, n. 70, 1997-1. p. 175-184.
- SIGNER, R. *Dicionário brasileiro: francês-português / português-francês*. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.
- SZENDE, T. Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues. In: BÉJOIN, H. THOIRON, P. *Les dictionnaires bilingues*. Bruxelles : Duculot, 1996. (Aupelf-Uref) Col. Champs linguistiques. ch. 6, p.111-126.
- XATARA, C. M. Os dicionários bilíngües e o problema da tradução. In: OLIVEIRA, A.M.P.P., ISQUERDO, A. N. *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande : Ed. UFMS, 1998. p.179-186.